

Causas Específicas de Doenças:

Neurose de Guerra ou Trauma de Guerra (Transtorno de Estresse Pós-traumático)

Descobriu-se, ao examinar várias pessoas com saúde normal, que cada um dos átomos prismáticos que compõem os Éteres inferiores irradiava de si mesmo as linhas de força que punham em rotação o átomo físico no qual estava inserido, conferindo vitalidade a todo o Corpo Denso. A tendência conjunta de todas essas unidades de força é em direção à periferia do Corpo Denso, onde constituem o que foi chamado de “Fluido Ódico”¹, também designado por outros nomes. Quando a pressão atmosférica exterior diminui devido à permanência em grandes altitudes, manifesta-se uma tendência ao nervosismo, pois a força etérica interna precipita-se para fora sem controle e, se o indivíduo não fosse capaz de interromper parcialmente esse fluxo de energia solar mediante um esforço de vontade para superar a dificuldade, ninguém poderia viver em tal lugar.

Ouvimos falar do Neurose de Guerra ou Trauma de Guerra e sabemos que muitas pessoas, sem apresentar sequer o menor ferimento, foram encontradas até mortas no campo de batalha. De fato, vimos e conversamos com pessoas que haviam perdido os sentidos dessa maneira, mas não sabiam explicar por que isso resultara em morte. Todas negavam ter sentido medo e afirmavam unanimemente que haviam perdido a consciência de repente e, um momento depois, encontrado em sua condição atual.

Diferenciavam-se de seus companheiros pelo fato de não apresentarem um único arranhão no Corpo. Nossa ideia preconcebida — de que teria sido um medo momentâneo diante de um perigo iminente que, embora não percebido

¹ N.T.: Ou força ódica, é uma energia vital universal proposta no século XIX. O barão Karl Ludwig von Reichenbach deu o nome de “Od” a essa suposta força, inspirado na palavra sânscrita que significaria “o que penetra tudo”. É associado a fenômenos do magnetismo animal e ao fluido vital espiritual. Manifesta-se em radiações luminosas visíveis a pessoas sensitivas.

conscientemente, causara o óbito — impediu uma investigação completa; contudo, os resultados observados das consequências de uma queda nos levaram a acreditar que algo semelhante poderia ocorrer nesse caso; essa suposição estava correta.

Certa noite, algum tempo atrás, enquanto viajava para um local em um país distante onde eu tinha uma missão a cumprir, ouvi um grito. Embora a voz humana só possa ser ouvida no ar, existem harmônicos que são percebidos nos reinos espirituais a distâncias superiores às percorridas por mensagens sem fio. O grito, porém, vinha de perto, e cheguei ao local num instante, mas não a tempo de prestar a ajuda necessária. Encontrei um homem deslizando por um barranco inclinado e desprovido de vegetação — com cerca de três metros e meio de largura e que, como se constatou posteriormente, era quase liso, sem qualquer fenda onde ele pudesse apoiar os dedos. Salvá-lo teria exigido a materialização de ambas as mãos e ombros, mas não havia tempo. Em um instante, ele havia deslizado pela borda do precipício saliente e estava caindo em direção ao fundo do cânion — uma queda de, provavelmente, uns 300 metros.

Impelido por um sentimento natural de solidariedade, segui-o e, durante o trajeto, observei o fenômeno que constitui a base deste artigo: quando o Corpo Denso atingiu uma velocidade considerável, os Éteres que compõem o Corpo Vital começaram a escapar; assim, quando o Corpo Denso se chocou contra as rochas lá embaixo, transformando-se em uma massa dilacerada, restava nele pouquíssimo Éter — se é que restava algum. Gradualmente, porém, os Éteres se reuniram, tomaram forma e pairaram, juntamente com os veículos mais sutis, sobre o cadáver mutilado; contudo, o homem se encontrava em estado de torpor, incapaz de perceber ou compreender sua nova condição.

Assim que vi que não havia mais como ajudá-lo, segui meu caminho; mas, ao refletir sobre o ocorrido, percebi que algo incomum havia acontecido e que

era meu dever descobrir se os Éteres se desprendiam dessa maneira em todas as pessoas que sofriam quedas e, em caso afirmativo, porque isso ocorria. Em tempos passados, isso teria sido difícil de verificar, mas o advento das máquinas voadoras tem feito muitas vítimas. Foi, portanto, fácil constatar que, quando um Corpo Denso em queda atinge certa velocidade, os Éteres superiores se desprendem desse Corpo Denso, e a pessoa que cai perde a consciência. Ao atingir o solo, o Corpo Denso fica dilacerado, mas a vítima pode recuperar a consciência assim que o Éter se reorganiza. Ela então começa a sofrer as consequências físicas da queda. Se a queda prossegue após a saída dos Éteres superiores, o aumento da velocidade desloca os Éteres inferiores, restando apenas o Cordão Prateado ligado ao Corpo. Esse Cordão Prateado se rompe no momento do impacto com o solo, e o Átomo-semente segue para o ponto de ruptura, onde permanece retido da maneira habitual.

Com base nesses fatos, chegamos à conclusão de que é a pressão atmosférica normal que mantém o Corpo Vital dentro do Corpo Denso. Quando nos deslocamos a uma velocidade anormal, a pressão é removida de algumas partes do Corpo e se forma um vácuo parcial, fazendo com que os Éteres deixem o Corpo Denso e fluam para esse vácuo. Os dois Éteres superiores, que estão mais frouxamente ligados, são os primeiros a se desprender e deixar a pessoa inconsciente, após terem projetado o Panorama da Vida num relance. Então, se a queda continua a aumentar a pressão do ar à frente do Corpo Denso e o vácuo atrás, os Éteres inferiores — mais firmemente ligados — também são forçados a sair, e o Corpo Denso já está morto antes de atingir o solo.

Quando um projétil de grande porte atravessa o ar, ele cria um vácuo atrás de si devido à enorme velocidade com que se desloca; se uma pessoa estiver dentro dessa zona de vácuo durante a passagem do projétil, ela sofrerá efeitos cuja intensidade dependerá de sua própria natureza e de sua proximidade com o centro de sucção. Sua situação é, na verdade, o inverso daquela de uma

pessoa em queda livre: ela permanece imóvel enquanto um corpo em movimento remove a pressão atmosférica e permite que os Éteres se desprendam. Se a quantidade de Éter deslocada for comparativamente pequena — composta apenas pelo terceiro e quarto Éteres, que regem a percepção sensorial e a memória —, a pessoa provavelmente sofrerá apenas uma perda temporária de memória e a incapacidade de sentir ou de se mover. Essa incapacidade desaparecerá quando os Éteres extraídos forem novamente reintegrados ao Corpo Denso — um processo muito mais difícil do que aquele que ocorre quando o Corpo Denso sucumbe e a reorganização ocorre sem a participação desse veículo.